

Hafez
Da taverna ao paraíso

Seleção e tradução
Nicolas Voss

Tabla



Hafez: espelho e abismo

Marco Lucchesi



Hafez não é apenas um dos maiores poetas da Pérsia, mas um acontecimento dentro da sua própria língua, o persa, sobre a qual não faltam virtudes, formas elegantes e surpresas auditivas. Nela, desenhou um vetor, um percurso, um destino.

Fruto de uma admirável floração, o poeta amadurece um legado, quase sem precedentes, a partir das obras-primas de Ferdowsi, Khayyam, Nezami, Rumi e Saadi, entre outros. Obra fundadora, inspirou os maiores poetas do Oriente, não se aprisionando a uma dimensão cultural restrita, feita de mestres e doutores, sem vínculos com a cultura popular.

Sobre a sua recepção no Ocidente, bastaria citar Goethe. Ele ficou tão impressionado com o engenho e a arte de Hafez que escreveu o *West-östlicher Divan (Divã ocidentto-oriental)*, enriquecendo a língua alemã com vocábulos persas, novas formas poéticas e ensaios caligráficos – amizade análoga à de Dante e Virgílio. Mas se em Hafez a língua poética já existia, ganhou uma nova direção morfossintática. Além disso, não raros poetas americanos, de Walt Whitman a Daniel

Moore, mudaram seu estilo após a leitura de Hafez e Rumi. Vale a leitura do livro de Mehdi Aminrazavi, *Sufism and American Literary Masters*.

Nascido em Shiraz, Hafez viveu aproximadamente entre 1325 e 1389, sendo que a sua biografia se espelha nos próprios versos, para fugir de lendas infundadas e outros devaneios.

Quando estive em Shiraz, vi seu túmulo cercado de crianças enquanto um idoso, talvez cego, recitava de cor um sem-número de gazais. Ao sair do parque, deparei com o *Fâl-e Hâfez*, o livro do poeta como forma de conselho ou de futura decisão, por meio dos periquitos que pescavam pequenos papéis com seus versos, logo após a consulta do interessado.

Hafez elaborou um sistema poético que constituiu um profundo repertório semiótico e simbólico do mundo persa, que vai do Adriático ao Mar Amarelo, segundo a *persiosfera* de Stefano Pellò, da Bósnia à China, de Emre a Iqbal. Trata-se de uma espécie de nova língua, revisitada e rarefeita, com antigas e novas riquezas propostas por Hafez,

de ordem morfossintática, sutilmente deslocadas entre si, no encaixe da absoluta simplicidade.

Em Hafez, os dísticos tornaram-se mais depurados; os gazais, algo mais nítidos e esculpidos; os quartetos, mais incisivos; e as odes, cada vez mais estáveis e desprovidas de excesso.

Tamanha espécie de sublimação, de economia de meios gramaticais e de figuras poéticas adere a uma nova tessitura polifônica, verdadeira “alquimia da erudição”, como disse Gianroberto Scarcia sobre a constante mutação lexical. Assim, *maah* (ماه) pode ser a Lua, a beleza do rosto do Amado ou o drástico tempo da espera; *kharab* (خراب) corresponde à ruína ou ao estado de alma devastado; *mey* (می) é vinho, mas sobretudo êxtase místico, encontro com o Amado, entre outras acepções.

Embora anterior a Hafez, essa coleção de sinais, positivamente ambíguos e movediços, que se encontra, por exemplo, em Rumi, é levada agora ao status de sistema, atingindo a máxima sinergia, não limitada a certo grau de ambiguidade sufi, cuja ordem simbólica integra uma semântica

reconhecível, a partir da tradição. O jogo de espelhos, em Hafez, entre significante e significado torna-se mais radical.

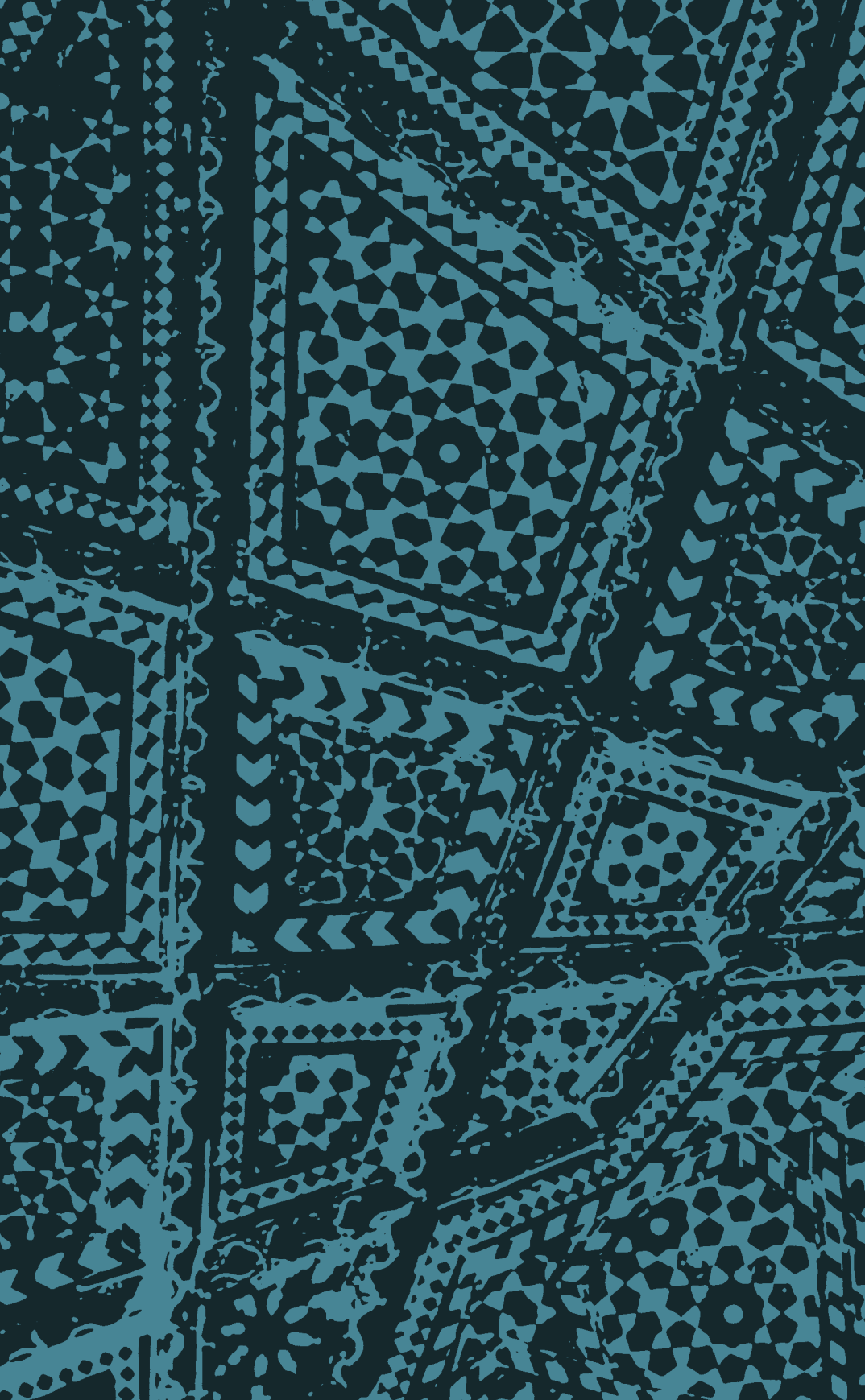
Hafez eleva quanto pode o território simbólico, mas sem cortar os laços da palavra com o *real*. Aprimora-se no exercício da ambiguidade, na condição plural do significado, em busca de um grau indefinido de saberes, que se espalham através de núcleos semânticos mais densos. Hafez procura tornar visível o invisível, na fenda que divide Céu e Terra e no silêncio que reveste outras palavras.

Essa poesia diz praticamente aquilo que não diz; insinua, convoca e desperta a potência da palavra-mundo nas delicadas bordas do inefável e na gramática viva e ardente do silêncio. E tudo com a leveza de uma pluma, nos lábios do Amado, como a bela Shirin, que é o que procura realizar o tradutor: inscrever-se no corpo da palavra, na erótica do texto em fuga, no intervalo incandescente entre os lábios de Camões e os de Hafez. Como quem trabalha entre a forma do espelho e a espessura do abismo.

A tradução de Hafez de Nicolas Voss amplia a maturidade do sistema cultural brasileiro, capaz de dialogar poeticamente com todas as nações do mundo — inclusive com um certo Oriente, profundo, irreduzível, que a editora Tabla vem ajudando a difundir.



Hafez, enfim
Paulo Henriques Britto



A riquíssima tradição poética persa, como as demais da Ásia Ocidental, é bem pouco difundida no Brasil. O nome de Hafez talvez seja conhecido pelos leitores de poesia apenas por um poema famoso de Bandeira: “Gazal em louvor de Hafiz”; pois são raras as traduções de obras suas que circulam entre nós. O próprio Bandeira publicou uma seleção do *Rubaiyat*, de Omar Khayyam — outro nome central da literatura persa clássica —, mas sua versão foi feita com base em uma tradução francesa que não respeita a métrica nem o esquema rímico do original. Aurélio Buarque de Holanda publicou em 1944 uma seleção de poemas de Hafez, *Os gazéis de Hafiz*, e em 1946 uma coletânea intitulada *Vinho, vida e obra de Hafiz e Saadi*, que inclui, além de Hafez, obras de um poeta persa do século XIII, Saadi. Os dois livros foram publicados pela José Olympio, em tiragens pequenas e traduzidos a partir da versão francesa.

Assim, a iniciativa de Nicolas Voss deve ser saudada não apenas por apresentar ao leitor brasileiro, em traduções primorosas, uma seleção

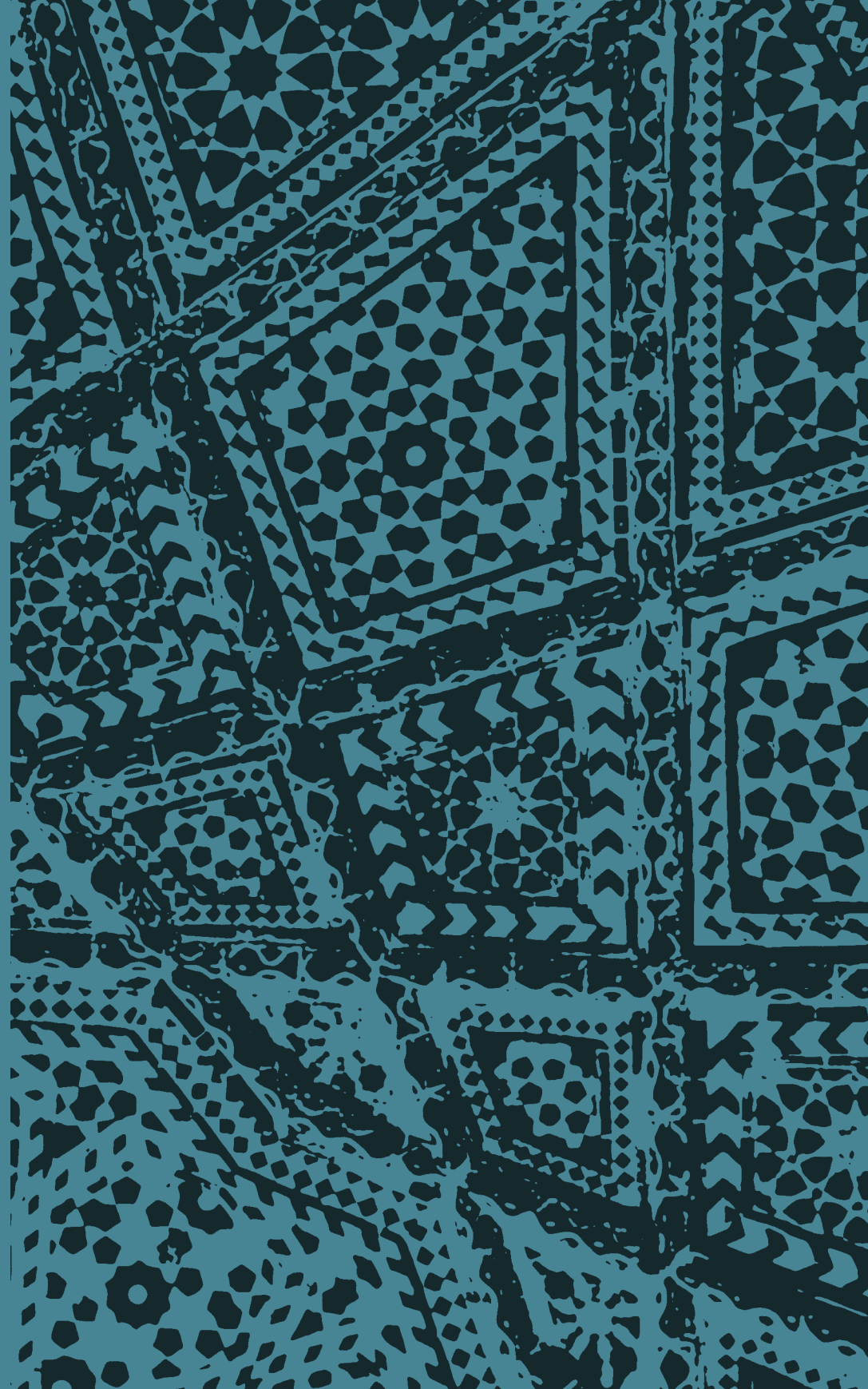
significativa da poesia do poeta extraordinário que é Hafez, mas também por buscar reproduzir, no nosso idioma, alguns elementos formais do original: o verso longo, realizado aqui com cesura mediana obrigatória, uma solução inspirada na poesia portuguesa e espanhola do Medievo europeu; o uso de monorrima; e a reiteração do nome do autor no dístico final de cada poema.

Evitando, porém, que a riqueza semântica do original fosse comprometida por uma adesão estrita a essas restrições formais, o tradutor se permitiu pequenas variações na contagem de sílabas — sete ou oito por hemistíquio — e a utilização de rimas incompletas — ora toantes, ora tônicas — alternando-se com rimas completas. Já o estribilho final após a rima, bastante recorrente no gazal clássico, é um recurso que o tradutor só utiliza aqui e ali, por parecer excessivamente exótico no nosso idioma, muitas vezes levando a inversões sintáticas pouco idiomáticas na poesia brasileira moderna e contemporânea. Além das dificuldades formais, há também muitos desafios no plano semântico, como as

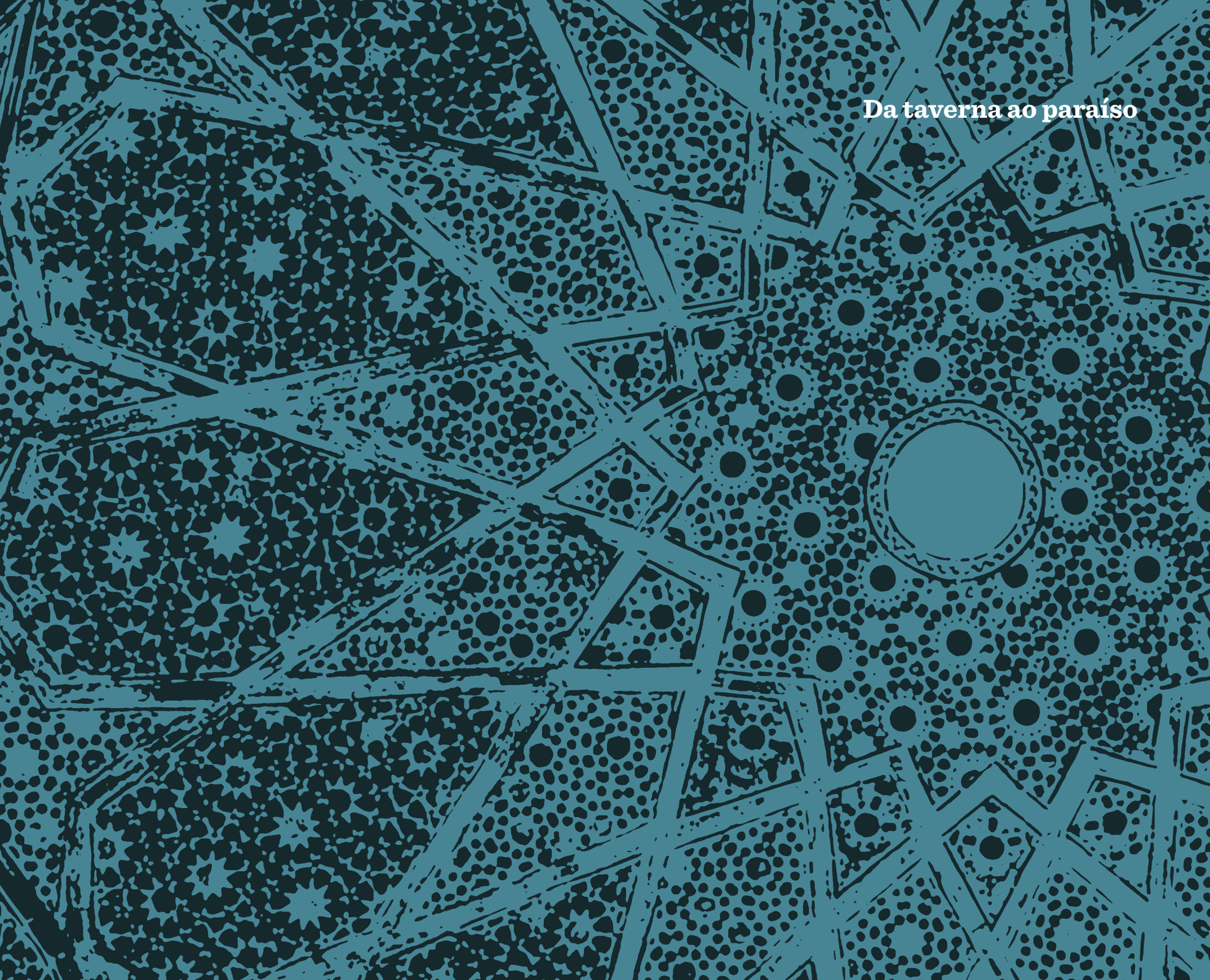
metáforas e imagens inusitadas, a polissemia e a paronomásia, todos recursos empregados recorrentemente por Hafez.

O texto resultante, como toda tradução literariamente satisfatória, é um produto híbrido, ora mais “estrangeirizante”, ora tendendo ao “domesticador”, para usar dois conceitos muito em voga atualmente nos estudos da tradução. A meta é sempre chegar a soluções que guardem traços marcantes da forma original e ao mesmo tempo funcionem na poesia em língua portuguesa. A relativa estranheza das formas mantém a leitora e o leitor sempre conscientes de que os poemas a sua frente pertencem a uma tradição literária muito diversa da ocidental; mas é de esperar que tenham também o efeito de levar poetas que escrevem em português a utilizar elementos dessa tradição em língua portuguesa, pois o repertório de formas de um idioma jamais é fechado. A introdução de opções formais estrangeiras pode ter um efeito fertilizador, como ocorreu com o *haiku* — conhecido no Brasil como haicai — em tantas poéticas ocidentais.

Ademais, ao deparar, na obra de um autor tão distante de nós no espaço e no tempo, com temas muito caros à tradição euro-americana, a leitora e o leitor se conscientizam do que há de universal na experiência humana tal como é refletida na literatura.



Da taverna ao paraíso





1

Traz a taça, meu copeiro, e me verte mais um vinho.
Porque amor parece fácil, mas lá vem o descaminho.

Por seus sinuosos cachos sopra a brisa matutina.
No aguardo de tal almíscar, como sangram os amigos!

Tinge o tapete com vinho se o velho mago mandar.
Hás de saber, peregrino, a lei que dita teu caminho.

Na estância do meu amado já não encontro um abrigo.
Bradarem ouço os cincerros, a cáfila está partindo.

Trevas e ondas tão ferozes, turbilhão e vendaval!
O que sabeis de nós, costas-leves em mares tranquilos?

Eu sempre segui meu peito, e lá se foi o meu bom nome.
Como esconder os meus feitos, se a grei faz tanto alarido?

Se a presença dele queres, Hafez, então não te escondas.
Quando achares quem desejas, faz do mundo um esquecido.

Se o tal turco de Shiraz meu coração na mão tomar
por sua pinta hindu daria eu Samarcanda e Bucara.

Até a borra traz, copeiro! No céu não encontrarás
nem ribeira de Roknabad, nem rosal da Mossalá.

E os ciganos, atrevidos, fazem muito rebuliço.
Tal os turcos em banquete, saquearam minha paz!

Amor falho o meu, é indigno da beleza do amado.
De que servem pó e lápis à face de graça inata?

Com a beleza que José tinha, entendi o poder
da paixão que despe até Zuleica que antes era casta.

Maldizes, e eu sou grato, Deus te guarde, falas bem.
Falas acres vão mescladas com a doçura dos lábios.

Ao bom conselho dá ouvido: os jovens e afortunados
preferem o saber do velho aos pleitos incertos da alma.

Dize de vinho e de bardos, e não do enigma do cosmos.
A razão não resolveu, nem jamais resolverá.

Já fiaste o teu poema, Hafez, perfurando a pérola.
Que o céu seu colar de Pléiades espalhe no teu cantar.

Desponta a aurora e a nuvem dá guarida.
Alba, alba, companheiros: à bebida!

O orvalho escorre na face da tulipa.
Vinho, vinho, meus amigos: à alegria!

Do jardim já sopra o ar do paraíso.
Pois bebei somente a água da vida.

Um trono esmeralda a rosa já ergueu.
Buscai o vinho que tal rubi brilha!

De novo fecham a porta da adega.
Tu que abres as portas, a nós auxilia!

Em tal estação, é deveras estranha
a pressa em fechar nossa adega querida.

4

As rosas rubras florescem, o rouxinol se embebeda.
Ouvi a embriaguez, sufis que o instante veneram!

A base da contrição parecia rocha firme
e foi quebrada por cristal de taça fina e terna.

Traz o vinho! Nesta corte do contento, não importa
se és abstêmio ou beerrão, se és sultão ou sentinela.

Deste albergue de duas portas um dia hás de partir.
Que diferença a portada ser rica ou ser austera?

Não se tem a vida fácil sem que tenha havido dor.
Com a firmação do pacto, afirmou-se essa tragédia.

O ser e o não ser... que isso não te aflija, só sê feliz.
Não ser enfim é o fim até da mais perfeita matéria.

A linguagem dos pássaros, o alto Asef, o corcel-vento
tudo isso o vento levou, a Salomão nada mais resta.

Ao ganhares asa e pluma, não vás longe do caminho.
Mesmo a flecha bem lançada não tarda a voltar à terra.

Que gratidão mostrará teu cálamo, Hafez, àqueles
que passam de mão em mão os aforismos que versas?

5

Suada, com os cachos desfeitos, risonha e embriagada
cantava, a bilha na mão, as roupas bem rasgadas.

Narciso com olhos de rixa, escárnio nos lábios
se sentou em minha cama, meia-noite passada.

Então soprou-me no ouvido, a voz suave e terna:
Será que dormes agora, amor de longa data?

O iniciado que recusa ao fim da noite o vinho
é herege da fé do amor, por não beber da taça.

Sai, e não zombes, asceta, de quem bebe da borra
porque no dia do pacto essa foi nossa graça.

Do cálice nós bebemos tudo o que foi servido
o mosto do paraíso, o vinho que embriaga.

O sorriso da boa taça, os cachos do belo, por
eles quantas juras, como as de Hafez, são quebradas!

Vai, pregador, cuida da tua vida! O que é esse alarido?
Se meu coração deixou o caminho, o que tem a ver contigo?

Enquanto teus lábios, como flauta, não me levem ao delírio
o que o mundo diz soprará como brisa aos meus ouvidos.

Aquela bela forma, a tua, e que Deus talhou do éter
é um mistério tão sutil que ninguém penetra no íntimo.

O pedinte em tua rua não pensa nos oito céus.
Teu escravo livre estará da terra e do paraíso.

Se a embriaguez da minha paixão levou-me à ruína
dela eu fiz o alicerce onde meu ser tem florescido.

Pois não lamentos, coração, a injustiça vil do amigo
porque ela é o dom que ele te deu, isso também é legítimo.

Vai, Hafez, e não sussurres. Todos teus contos e encantos
conheço há muito e muito bem, basta desses teus feitiços.

Graças a Deus que hoje encontro a porta da taverna sim
onde vou saciar a sede, totalmente aberta sim

As jarras gemem e fermentam, repletas de embriaguez
e nada de alegorias, só bebida vera sim

Do vinho vêm o regozijo, a embriaguez e o orgulho
de nós só vêm desamparo e ânsia e nossa espera sim

Lá o segredo que não conto e nunca a outros contarei
revelo ao companheiro, que de todos o vela sim

Não é um mero e simples conto, ao contrário, é longa história
mostra cada curva e cacho da figura esbelta sim

Diz do semblante de Mahmud, da sola dos pés de Ayaz,
de Majnun, o peito pesado, e de Layla, as mechas sim

Tal falcão de caça selei os meus olhos para o mundo
só assim pude fitar a tua face bela sim

Na Caaba da tua rua, amado, faz-se a namaz
tua sobancelha é o mirabe que orienta a reza sim

Para saber do fogo, amigos, no peito de Hafez
cabe só perguntar por que se consome a vela sim

Embora a brisa traga flores e o vinho, alegria dou fé
o inspetor da moral está alerta: não toques na lira dou fé

Se copa e amigo encontrares, bebe com cautela e razão
o espírito destes dias é miséria e injustiça dou fé

Esconde a copa no teu manto, estes tempos derramam sangue
como a boca do jarro, outrora, derramava vinho dou fé

Com a água dos próprios olhos, lavemos o vinho das vestes
vemos tempos de contrição, dias de abstemia dou fé

Não esperes prazer algum deste girar torto dos céus
hoje encontrarás borra até na boca da bilha dou fé

Ora o céu é crivo, cruel, que por tudo espraia sangue
descarta o aro de Cosroes, o crânio de Ciro dou fé

Com teu verso doce, Hafez, tomaste o Iraque e o Fars.
Vem! É a vez de Bagdá, ou quiçá de Tabriz dou fé

Deixa em paz o libertino, asceta que a pureza cobra!
Os pecados de outros, lembra, em teu nome não anotam.

Eu ser virtuoso, eu ser devasso, ora, tu, vai ser tu mesmo!
Pois cada um colhe no fim o que semeou em sua horta.

Todos buscam o companheiro, seja sóbrio ou beberrão.
Todo lugar é casa do amor, seja mesquita ou sinagoga.

Minha cabeça está prostrada sempre na porta da adega.
O súplice não entendeu? Dize-lhe que ele é uma porta.

Podes dizer verazmente quem o além-véu julga justo?
Pois não me faças perder fé na santa misericórdia.

Ante o ermo da penitência, eu não soçobrei sozinho.
Lembra que meu pai, Adão, perdeu paraíso e glória.

Como és abençoado, se é verdade o que dizes ser!
Como és de bom caráter, sendo tão bom quanto o que exortas!

Se morreres, Hafez, a copa ainda firme na mão
da taverna ao paraíso rápido te transportam.

O cálice de Jam, por anos, meu coração me exigia
e de estranhos, sem cessar, demandava o que já tinha.

A pérola preciosa, fugida da concha do cosmos
buscou pela beira-mar, a indagar a gente perdida.

Ontem as agruras levei ante o velho e sábio mago
que com seu olhar afiado decifra todo enigma.

Vi-o feliz e faceiro, copa de vinho na mão
a ver no espelho retinto respostas infinitas.

Tal taça que tudo vê, eu disse, quando o Sábio te deu?
No dia em que fez o céu com seu domo de safira.

Lembra aquele amigo, ele disse, que ao cadafalso levaram?
Seu crime foi, na verdade, revelar o que não devia.

Caso o Espírito Santo venha outra vez nos socorrer
outras pessoas, inspiradas, agirão como o Messias.

E as tranças belas do adorador, por que tanto me constroem?
Hafez! Reclamas do coração que é louco em demasia.

A moeda dos sufis não é assim tão pura pois é
muitos mantos merecem que fogo os consuma pois é

Nosso sufi que se enleva na reza da alvorada, olha,
bêbado está quando chega a noite escura pois é

Ah, se houvesse neste mundo alguma pedra de toque
que tismasse a face desses de índole espúria pois é

Quem anda entre o luxo não acha a vereda do amigo
só libertinos, que sofrem com a fortuna pois é

Por que da mágoa do mundo tomas tanto? Toma vinho!
Lástima um coração sábio que se perturba pois é

Ah, quantos rostos pranteiam duras lágrimas de sangue
se o semblante do copeiro a barba o turva pois é

Pois que o taberneiro venda manto e tapete de Hafez
se lhe servir o copeiro, belo qual lua pois é